

O RANCOROSO

DEVE estar se banhando em água de rosas o marechal Lott, da reserva (bem) remunerada: a maioria do Supremo Tribunal Federal armou-o com a Lei de Segurança contra a liberdade de imprensa.

A parte cômica dessa lamentável história é o pretexto usado para atingir o «Diário de Notícias»: a alegação de que estava provocando divisão nas classes armadas.

Há, na verdade, uma divisão profunda dentro das classes armadas, e todo mundo conhece sua história. Essa divisão é mantida e cultivada com o máximo carinho por uma só pessoa: exatamente o general Lott. Em seu interesse pessoal? Não. Isso não digo. Os homens não se movem apenas levados pelo interesse. Não sou procurador do general Lott para defender seus interesses, mas o que me admira é que tantos amigos políticos não lhe façam ver os erros grosseiros que ele tem praticado, e que se resumem em um só grande erro, o de se deixar levar pelo rancor.

O general Lott não perdoa nem deixa que ninguém perdoe os que, em certa situação, ficaram contra ele. Ou melhor: aqueles contra os quais ele ficou, pois a reviravolta foi sua, passando de ministro a carcereiro de um presidente da República. A ira é um pecado; o rancor, uma ira crônica, é mais do que um pecado, é uma doença. Que diferença entre o dr. Juscelino, esse homem de coração de passarinho, sempre disposto a abrir um sorriso de boa vontade para seu adversário de ontem, e esse seu ministro rancoroso e sombrio, cuja principal função no governo é castigar, perseguir, monótono e implacável, torvo e testudo, todos os colegas de farda que não compreenderam suas lamosas «restrições mentais»? É um maniaco do ressentimento, como se ele próprio tivesse um profundo ressentimento contra si mesmo, e quisesse punir-se nos outros, numa transferência doentia.

Deve ser infeliz esse homem; mas esse problema é dele, ou de seu eventual psiquiatra; o que ele não deve ser nunca é o que muitos desejam que ele seja: presidente da República. Falta-lhe para isso a capacidade mínima de elevar-se um milímetro sequer além do próprio rancor.

Algumas das figuras mais brilhantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica estão com a carreira truncada e trancada por todas as preterições e todas as injustiças. Pouco lhe importa ao general Lott o prejuízo que isso causa às classes armadas e à Nação; seu critério não é o da honra, nem o da competência, nem o da dedicação, nem o do civismo — é apenas o da cega, mesquinha, obstinada vingança.

Pensar em levar um homem desses à Presidência da República, como pensam alguns politiquinhos manhosos e como aceitam alguns ingênuos do povo, cegados pela admiração bôca do êxito («ele ganhou a parada, logo ele é o maior») seria um crime de mau gosto. Precisamos de alguém que olhe para a frente, e para a frente leve o Brasil. O marechal é um prisioneiro no tempo: está preso, pelos seus complexos, a novembro de 1955 e dali não se arreda nem a pau. Seu rancor tem feito muito mal aos outros e ao país, mas como deve lhe doer por dentro, a roer-lhe a alma sem pausa nem remissão! Que inveja ele não terá de um homem como Café Filho, pobre e doente, quase inválido, mas de alma tão limpa e coração tão leve sob seu piama, aos 60 anos de idade!